



PAWEL KOPCZYNSKI/REUTERS

Royalties do petróleo podem ir para clima

Hoje, dinheiro de fundo só é usado para sanar danos ambientais

Lisandra Paraguassú
BRASÍLIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionará nos próximos dias a flexibilização do uso de um fundo que hoje é reservado para sanar danos ambientais causados por vazamentos de petróleo. Aprovada pelo Congresso com o plano nacional de combate aos efeitos das mudanças climáticas, a proposta permitirá que o Ministério do Meio Ambiente (MMA) utilize o fundo, criado com royalties do petróleo, para ações de redução dos impactos do aquecimento global.

Como os vazamentos de petróleo são cada vez mais raros, os recursos, equivalentes a 10% dos royalties recolhidos a cada ano, ficam parados no Tesouro. Com a sanção da lei, 60% do montante poderá ser usado em projetos que preparem o País para os efeitos do aquecimento global. De acordo com estimativas do MMA, a verba deve chegar a R\$ 1 bilhão por ano.

Ministério estima que verba anual deve chegar a R\$ 1 bilhão

A definição do fundo foi anunciada ontem pelo ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, em São Paulo. Ele participou do evento Tão no Clima, organizado no Parque do Ibirapuera, zona sul, para divulgar a conferência de Copenhague, que começa hoje. “O Brasil vai chegar a Copenhague como o primeiro país com um fundo para mudanças climáticas com recursos do petróleo”, afirmou Minc.

O uso dos recursos do fundo, no entanto, ainda não está detalhado. A intenção do ministério é utilizá-los principalmente em áreas de litoral e de baixadas, sujeitas a inundações, mas também em regiões propensas à desertificação. Os extremos do clima – secas e enchentes – podem ser agravados com a elevação da temperatura do planeta causada pelo efeito estufa. Em fevereiro de 2010, Lula deverá sancionar também um plano de mi-

tigação do efeito das mudanças climáticas no Nordeste.

Em São Paulo, Minc anunciou outras duas medidas: a assinatura do Pacto da Carne Legal e Sustentável, com a Associação Brasileira de Supermercados (Abras), na segunda-feira; e a aprovação, na terça, de mais seis projetos do Fundo Amazônia. O Fundo Amazônia já possui em caixa US\$ 110 milhões vindos da Noruega – valor que pode alcançar US\$ 1 bilhão em sete anos – e deve ganhar 18 milhões de euros (R\$ 46,5 milhões) da Alemanha em 2010.

PRIMEIROS PROJETOS

Os primeiros três projetos que receberão recursos do Fundo Amazônia foram aprovados pelo comitê orientador na semana passada. Municípios Verdes, coordenado pela ONG Imazon, receberá R\$ 12 milhões e terá ações no Pará. Já o projeto coordenado pela The Nature Conservancy receberá R\$ 16 milhões para atividades de recuperação de áreas degradadas em Mato Grosso. O terceiro projeto, da Fundação Amazonas Sustentável, será beneficiado com R\$ 20 milhões para o pagamento de serviços ambientais em comunidades extrativistas, de seringueiros e de quilombolas, no Amazonas.

Também na semana passada, Minc disse ao **Estado** que criará o Fundo Cerrado, semelhante ao que existe para a Amazônia. Com isso, o ministério espera conseguir doações de outros países para promover a conservação de florestas e reduzir o desmatamento.

Segundo Minc, o Cerrado também será importante para que o País consiga atingir a meta voluntária de reduzir entre 36% e 39% as emissões de gases de efeito estufa em 2020, em relação ao projetado, se nada fosse feito. A meta, que será apresentada em Copenhague, prevê cortar em 80% o desmatamento da Amazônia e em 40% o do Cerrado. ● COLABOROU KARINA NINNI, ESPECIAL PARA O ESTADO



PLANETA EM CHAMAS – Mulher passa com bicicleta ao lado de instalação em Copenhague; conferência do clima começa hoje, na Dinamarca

COP deve responder a desafio ambicioso, diz líder do encontro

Yvo de Boer, secretário da conferência do clima, defende acordo que reflita momento político único

COPENHAGUE

O secretário executivo da Convenção do Clima das Nações Unidas, Yvo de Boer, pediu ontem um acordo ambicioso e efetivo que responda a um momento político único. “Nunca em 17 anos de negociações climáticas tantas nações fixaram compromissos firmes juntos. A espera de mais passos, Copenhague já é um ponto de inflexão na resposta internacional à mudança climática”, afirmou De Boer, em entrevista no centro de congressos Bella Center, que a partir de hoje sedia a cúpula, conhecida como COP15.

De Boer pediu que governantes respondam ao “desafio urgente” da mudança climática e lembrou que agora contam com o “sinal mais claro nunca antes dado” para pactuar propostas sólidas que possibilitem uma ação rápida. Para De Boer, deve haver consenso em três campos: implementação rápida e efetiva de ações contra mudanças climáticas; compromissos ambiciosos para limitar e cortar emissões, incluindo financiamento no curto e longo prazo; e uma visão compartilhada sobre um futuro de baixas emissões de dióxido de carbono (CO₂).

O financiamento da mitigação e da adaptação dos países ricos às nações em desenvolvimento deve ser “um dinheiro real e significativo, imediato e adicional, não reproduzir compromissos prévios”, afirmou ele. O secretário executivo da convenção destacou os sinais “encorajadores” no campo mostrados pelo Japão e pela União Europeia (UE).

A presença do presidente dos Estados Unidos, Barack

diata de redução de emissões e estratégias de adaptação energética.

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, afirmou ontem também estar otimista com os resultados da convenção. “Sou muito otimista sobre Copenhague. Chegaremos a um acordo e acredito que ele será assinado por todos os países membros da ONU, o que seria um fato histórico”, disse. “Todos os líderes concordam que temos o mesmo objetivo, que é combater o aquecimento global.”

Ele afirmou que pretende criar um grupo de especialistas em aquecimento global, formado por acadêmicos, presidentes em exercício e dirigentes econômicos após a conferência. “Desejamos que esse grupo seja capaz de decidir sanções”, disse.

VATICANO

O papa Bento XVI também se pronunciou sobre a conferência. O pontífice afirmou que espera que governantes presentes ao evento cheguem a soluções que promovam o desenvolvimento levando em conta a dignidade humana. ● AP, AFP e EFE

GLOSSÁRIO

● **Convenção do Clima da ONU:** Reúne 192 países que têm como objetivo estabilizar a concentração de gases de efeito estufa na atmosfera em um patamar que evite o desequilíbrio do clima no planeta

● **Protocolo de Kyoto:** Acordo assinado em 1997 que determinou que países desenvolvidos deveriam reduzir, até 2010, 5,2% de suas emissões

● **Ratificação:** Aprovação formal pelo parlamento (ou seu equivalente) de uma convenção, protocolo ou tratado. A ratificação ocorre após um país assinar um acordo. Os EUA, por exemplo, assinaram, mas não ratificaram o Protocolo do Clima de Kyoto

● **Mitigação:** É a intervenção humana para combater e reduzir as emissões de gases de efeito estufa na atmosfera

● **Adaptação:** É a preparação para as mudanças que ocorrem ou ocorrerão no mundo por causa do aquecimento do planeta. É a tentativa de aliviar os efeitos inevitáveis

● **Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL):** São projetos de países em desenvolvimento para cortes de emissões. Certificados por entidades nacionais e internacionais, eles geram as chamadas unidades de Redução Certificada de Emissões (RCE). Países desenvolvidos que precisam reduzir suas emissões podem adquirir RCEs para cumprir suas metas. O mecanismo foi proposto pelo Brasil

Artigo

A batalha mundial em Copenhague



Gilles Lapouge*

Hoje, Copenhague começará a ser palco da batalha mundial conta o aquecimento global. Quinze mil cientistas, 3 mil jornalistas, 2 mil reuniões. A conferência durará 10 dias. O que produzirão todos esses especialistas, todos esses cérebros? Veremos.

Nessas enormes conferências planetárias, sempre se prevê uma “anticonferência”, dita “off”. A de Copenhague se chamará “Klimatorum” e apresentará, sob encomenda, uma africa-

na do Mali ameaçado pela seca e uma camponesa de Bangladesh ameaçada pela inundação. Nas ruas, haverá milhares de anarquistas, agitadores, arruaceiros e “radicais do resfriamento”. Nada de pânico! A polícia montou em toda a cidade grandes gaiolas nas quais trancafiará os manifestantes mais açoitados.

Esse clima febril também está presente entre os cientistas e especialistas. Uma guerra de uma violência inaudita se trava nos bastidores e nos laboratórios, entre os climatologistas que acreditam no aquecimento e os que não acreditam.

O clã dos “climatocéticos” é virulento. Ele assegura que o aquecimento é a “balela do século”. Ele possui uma arma de guerra: gráficos provando que

as temperaturas mundiais declinam desde 1998. Os outros zombam: “Esse gráfico é uma farsa, uma impostura”. Adversários de chamam de mentirosos, manipuladores, escroques e piratas.

Um dos chefes da luta contra o aquecimento, o importante cientista inglês James Hansen, do Goddard Institute of Space Studies, desejou solenemente “o fracasso de Copenhague”. Por quê? Porque esta conferência, realizada nessas condições, seria um fracasso. Seriam adotadas medidas mínimas e elas não seriam respeitadas.

Os políticos não são mais tranquilizadores. O presidente francês Nicolas Sarkozy, que adora “salvar o planeta” de tempos em tempos, decidiu agarrar o touro a unha. Ele começou por

censurar o fato de o presidente americano Barack Obama “passar voando” por Copenhague, antes de ir receber seu prêmio Nobel na Suécia. Também questionou o fato de Obama comparecer no início da conferência,

Clima febril está presente entre cientistas e especialistas

em vez de ir nos dois últimos dias do encontro, como os outros chefes de Estado, quando será preciso tomar decisões difíceis, heroicas.

É preciso reconhecer que o presidente francês não mediu as palavras.

Com seu ministro da Ecologia, Jean-Louis Borloo, ele apresentará um relatório explosivo. Esse relatório não esconde que o salvamento do planeta custará muito caro porque será preciso investir muito dinheiro nos países pobres para ajudá-los a lutar contra o CO₂: 500 bilhões de euros logo de cara.

Felizmente, Sarkozy não se afoba. Ele previu um mecanismo para financiar essa fortuna: bastará criar um imposto de 0,01% sobre todas as transações financeiras mundiais. Será uma boa ideia? Certamente, embora pouco perigosa porque inaplicável.

Sarkozy empunhou também seu “cajado de peregrino” para pregar ao mundo a luta contra o aquecimento, já que Obama, que nem sequer foi capaz de

convidar Sarkozy à Casa Branca depois de um ano no cargo, não faz grande coisa. O ministro Borloo está encarregado dos países asiáticos.

Sarkozy reservou a América para si. Ele foi a Manaus em 14 de novembro para se encontrar com Lula e reunir em torno de si os chefes de Estado da região.

“Ele devia arrastar toda a América do Sul”, diz o jornal satírico *Le Canard Enchaîné*. “Ele esperava uma recepção triunfal, como Bolívar libertando o continente dos espanhóis. Encontrou apenas o representante da Guiana para aplaudi-lo. Todos os demais chefes de Estado haviam cancelado sua presença. Um desses fiascos que marcam uma carreira.” ●

* Correspondente em Paris